

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

ANA CAROLINI FRANCISCO BOSA

**DIVERSIDADE NO ENSINO DA ARTE: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA
PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE ARTE DE MELEIRO - SC**

CRICIÚMA

2016

ANA CAROLINI FRANCISCO BOSA

**DIVERSIDADE NO ENSINO DA ARTE: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA
PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE ARTE DE MELEIRO - SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Viviane Kraieski de Assunção.

CRICIÚMA

2016

ANA CAROLINI FRANCISCO BOSA

**DIVERSIDADE NO ENSINO DA ARTE: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA
PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE ARTE DO DE MELEIRO - SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte e Educação.

Criciúma, 22 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Viviane Kraieski de Assunção – Doutora em Antropologia Social - (UFSC) –
Orientadora

Prof.^a. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestre em Educação - (UNESC)

Prof.^a. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira – Mestre em Ciências da Linguagem -
(UNISUL)

**Á minha família, especialmente a minha
mãe, com todo meu carinho!**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu Deus, que sempre está ao meu lado, dando força e sabedoria para continuar. Agradeço também ao meu salvador Jesus Cristo, que sempre houve minhas orações e me abençoa cada dia mais com seu infinito amor.

Agradeço a orientadora, Viviane, que me orientou com muito carinho e paciência e me guiou nesta importante etapa. Agradeço também as professoras da banca examinadora, que aceitaram o convite para participar desse momento especial, contribuindo para minha formação acadêmica.

Agradeço a minha mãe, Maria, e ao meu pai, Pedro, que me deram muito amor, carinho e infinitas demonstrações de seu orgulho por mim. Também quero agradecer ao meu irmão, Pedro Israel, que foi muito compreensivo em relação aos meus estudos, abaixando o volume do *Playstation* e fazendo a minha parte, no serviço de casa, durante a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço ao meu namorado, Joel, por me apoiar compreensivamente durante esses quatro anos de graduação, ficando em casa aos sábados à noite vigiando a escrita deste trabalho e se dispondo a me levar e trazer até a Universidade.

Agradeço aos alunos e alunas que estudam no CEI Chapeuzinho Vermelho, que demonstram todos os dias, seu carinho por mim, e me ensinaram a ter paciência e amor.

Agradeço ao PROESDE, ao qual eu tive muito prazer em fazer parte. Agradeço aos professores Bruna e Lucas, que contribuíram muito no incentivo a minha escrita. Agradeço também as professoras entrevistadas, que aceitaram fazer parte desta pesquisa e colaboraram para ela acontecer.

Agradeço ao curso de Artes Visuais, que me tornou uma pessoa diferente, com novas perspectivas e um novo pensamento, mais aberto e mais sensível, também a todos os meus professores, que de alguma forma marcaram minha vida com suas aulas e conselhos maravilhosos. Quero agradecer a todos os meus colegas do curso de Artes Visuais, que compartilharam comigo momentos inesquecíveis durante todo o curso.

A todos o meu muitíssimo obrigada!

Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza.

Boaventura Sousa Santos

RESUMO

A pesquisa a seguir tem como título: “Diversidade no Ensino da Arte: Reflexões sobre a Prática Pedagógica dos Professores de Artes de Meleiro – SC”. Está inserida na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC. Parte da seguinte problemática: “Como os professores de Artes, atuantes no município de Meleiro (SC), entendem a diversidade na educação escolar, e como abordam esse tema nas aulas? ”. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar como os professores de Artes compreendem a diversidade na educação escolar, e como abordam esse tema nas aulas. Para esta investigação, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis professoras de Artes do município de Meleiro, utilizando um roteiro de entrevista, com oito perguntas, referentes à diversidade e ao ensino da arte. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, partiu de um estudo bibliográfico sobre o ensino da arte, a diversidade e as suas temáticas, a diversidade na escola, a relação entre diversidade e o ensino da arte e o multi e interculturalismo. Para contextualizar sobre o ensino da arte, a diversidade e suas implicações na escola, trouxe como autores Ferraz e Fusari (2009), Rosa (2006), Candau (2008; 2012) e os documentos norteadores, como a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014) e os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Arte (1997), para as discussões sobre multi e interculturalismo, utilizei como referência as autoras Richter (2003), Rosa (2003), entre outros. Com as entrevistas, foi revelado que as professoras entrevistadas compreendem a importância de trabalhar a diversidade nas suas aulas, assim como a perspectiva de uma educação multicultural, porém foi percebido, em suas falas, insegurança para dialogar sobre esses assuntos. A partir da análise dos resultados, surgiu a necessidade de criar uma proposta de curso intitulada “Arte e Diversidade: Reflexões nas Práticas de Ensino”, que é voltada para os professores de Artes do município de Meleiro, visando promover momentos de estudos, reflexões e ampliação de repertório sobre as temáticas.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Diversidade. Multiculturalismo e Interculturalismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cena do filme Escritores da Liberdade	11
Figura 2 - Moema de Victor Meirelles	18
Figura 3 - A Estudante de Anita Malfatti	19
Figura 4 - Nota de repudio da Federação de Arte Educadores do Brasil a Medida Provisória 746	23
Figura 5 - Cartaz com as orientações do Programa Escola sem Partido	33
Figura 6 - Vista área do Município de Meleiro	36
Figura 7 - Casa da Cultura em Meleiro	38
Figura 8 - Trio de Marilyn de Andy Warhol	44
Figura 9 - Capa do livro Menina Bonita do Laço de Fita	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Identificação das entrevistadas	39
Tabela 2 - Cronograma de curso	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT	Admitido em Caráter Temporário
AMESC	Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense
E	Entrevistada
FAEB	Federação de Arte Educadores do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MP	Medida Provisória
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCSC	Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina
PROESDE	Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS	13
1.2 METODOLOGIA	14
2 O ENSINO DA ARTE	17
3 A DIVERSIDADE NA ESCOLA	24
3.1 UMA PROPOSTA MULTI E INTERCULTURAL	26
4 A DIVERSIDADE NA PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA E NA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE MELEIRO	29
4.1 O PROJETO DE LEI “ESCOLA SEM PARTIDO”	32
5 O MUNICÍPIO DE MELEIRO	36
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	39
7 PROPOSTA DE CURSO: ARTE E DIVERSIDADE: REFLEXÕES NAS PRÁTICAS DE ENSINO	49
7.1 EMENTA	49
7.2 CARGA HORÁRIA	49
7.3 PÚBLICO ALVO	49
7.4 JUSTIFICATIVA	49
7.5 OBJETIVO GERAL	50
7.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	50
7.7 METODOLOGIA	51
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE (S)	60
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	61
ANEXO (S)	62
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO	63

1 INTRODUÇÃO

Quando decidi ser professora, foi por uma causa maior. Gosto de pensar em poder ajudar os alunos por meio da educação. Sempre me imaginei em um lugar que realmente precisasse de educação. Eu quero fazer a diferença, trazer mudanças. Minha decisão de ser professora foi para poder contribuir na vida dos alunos. Um filme fez com que eu refletisse sobre essa profissão e resolvesse tomar a decisão por completo.

O filme se chama “Escritores da Liberdade”¹, que conta a história de uma professora que começa a dar aulas em uma escola de bairro pobre que possui muitos conflitos entre seus alunos devido a seus diferentes modos de vida. Em suas aulas, ela aborda essas diferenças para poder ensinar. Com o tempo, ela consegue ganhar a confiança dos seus alunos e estabelecer uma relação de respeito e tolerância entre eles.

Figura 1 - Cena do filme Escritores da Liberdade.



Fonte: <https://sabereatitude.files.wordpress.com/2013/06/1.jpg>.

No ano de 2015, comecei a trabalhar em um centro de educação infantil no município de Meleiro, como auxiliar de sala. Foi então que comecei a perceber como funciona o ambiente escolar e como a escola tem um currículo homogeneizador. Percebi que, quando as crianças entram na escola, principalmente

¹ Escritores da Liberdade. Direção e Roteiro de Richard LaGravenese. Produção de Danny DeVito; Michael Shamberg; Stacey Sher; Hilary Swank. 2007.

na educação infantil, suas diferenças começam a ser neutralizadas, como por exemplo, sua crença religiosa, que muitas vezes é ignorada, sua preferência alimentar, que nem sempre é entendida, seu diferente modo de ver as coisas e até mesmo sua maneira de brincar, que passa a ser controlada pelo professor. Isso me incomoda muito. Talvez seja difícil lidar com as diferenças de cada um, mas o que não podemos fazer é continuar a ignorá-las.

No mesmo ano, inaugurou o Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional (PROESDE)² na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). O programa tem duração de um ano e meio, e conta com a participação de acadêmicos dos cursos de licenciatura da universidade. Os encontros aconteceram quinzenalmente, aos sábados, durante o dia todo. Nos encontros, estudamos, por meio de debates, mesas redondas e apresentações de seminários, a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (PCSC) para uma qualificação profissional e para intervir e contribuir na qualidade da educação básica do estado.

Começamos a estudar a trajetória e os pressupostos teórico-metodológicos da PCSC, que servem como referencial para os professores da rede estadual de educação básica. No ano de 2016, estudamos sobre a perspectiva histórico-cultural e sobre as diversidades. Encontramos na PCSC discussões acerca da diversidade, como a educação para as relações de gênero, a educação ambiental formal, a educação das relações étnico-raciais e as seguintes modalidades de ensino: a educação especial, a educação escolar indígena, a educação do campo e a educação escolar quilombola.

Este assunto chamou muito a minha atenção, despertando um grande interesse em estudá-lo. Aprender sobre a diversidade, compreendê-la e um dia poder efetivar seus direitos por meio da educação me traz muita satisfação. Percebi o quanto é importante saber sobre o tema, levá-lo para a sala de aula e garantir o direito à diversidade dos nossos alunos. Decidi então levar a pesquisa para o meu município, Meleiro, com a seguinte problemática: Como os professores de Arte, atuantes no município de Meleiro, entendem a diversidade na educação escolar, e como abordam esse tema nas suas aulas?

² O PROESDE é um Programa criado pela Secretaria de Estado da Educação (SED), que abrange, preferencialmente, todas as regiões do estado de Santa Catarina, beneficiando os estudantes matriculados em cursos de Instituições de Ensino Superior.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso (TCC) é, portanto, investigar como os professores de Artes, que atualmente trabalham no município de Meleiro, compreendem a diversidade na educação escolar, e como tratam desse tema nas aulas. Mas o que seria a diversidade? Seria possível identificar a diversidade nas práticas pedagógicas desses professores? Será que eles conhecem os documentos que abordam o conceito de diversidade? Qual o seu olhar para uma sala de aula diversificada? Como ele trabalha a diversidade na aula de artes? São estas e outras perguntas que tentei responder com a pesquisa apresentada neste TCC.

1.1 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Este trabalho contém oito capítulos. No primeiro capítulo, apresento a introdução, com os motivos para a escolha desta pesquisa e a metodologia utilizada. No segundo, terceiro e quarto capítulo, estão à pesquisa bibliográfica utilizada para abordar os estudos sobre o ensino da arte, a diversidade na escola e a diversidade no ensino da arte. O quinto capítulo fala sobre o município de Meleiro. No sexto capítulo, está a proposta de curso, seguindo a capítulo das considerações finais.

Deste modo, no capítulo dois, “*O Ensino da Arte*”, escrevo sobre a trajetória da educação artística nas escolas brasileiras. Trago também as tendências pedagógicas e a legislação em torno da arte, utilizando como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), além das autoras Ferraz e Fusari (2009).

No terceiro capítulo “*A Diversidade na Escola*”, estabeleço um diálogo com as autoras Rosa (2006), Candau (2008; 2012), Richter (2003), entre outros, e os documentos da Proposta Curricular de Santa Catarina (2014), os Parâmetros Curriculares Nacionais e novamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), relatando um pouco sobre a diversidade presente na escola, o que a legislação aponta sobre as diferenças e a perceptiva de educação multi e intercultural.

O quarto capítulo, “*A diversidade na Proposta Curricular de Santa Catarina e na Proposta Pedagógica de Meleiro*”, analisa a Proposta do estado de Santa Catarina, assim como a Proposta do município de Meleiro tentando entender

como a diversidade é tratada nesses dois documentos, além das possíveis implicações do Projeto de Lei “Escola sem Partido” na educação escolar.

O quinto capítulo, “*O município de Meleiro*”, mostra um pouco da história e algumas características do local onde a entrevista foi realizada.

No capítulo seguinte, são apresentados os dados levantados com as entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores de Arte do município de Meleiro. Em seguida, trago a proposta de curso “*Arte e Diversidade: Reflexões na Práticas de Ensino*”, que surgiu, como uma continuação desta pesquisa, para as reflexões sobre a prática pedagógica e as relações entre arte e diversidade. Por último, estão as considerações finais com algumas conclusões e reflexões que esta pesquisa me trouxe.

1.2 METODOLOGIA

Neste capítulo, trago Minayo (2004) para fundamentar a metodologia, que segundo a autora, é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2004, p. 16). Assim, para construir um trabalho de pesquisa, usamos uma metodologia que serve como um caminho de construção de nossas ideias e pensamentos. Quando realizamos uma pesquisa, há um tema ou um problema que nos instiga a estudá-lo ou resolve-lo. É algo que nos acompanha durante nossa formação acadêmica. E para resolvê-lo seguiremos o que foi aprendido durante todo o curso, a maneira como pesquisar, como escrever, etc.

Para Minayo (2004), uma pesquisa é “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo” (MINAYO, 2004, p. 17). Vemos aqui que uma pesquisa é parte de um processo de construção do conhecimento científico, que busca respostas sobre fatos da nossa realidade e que pode ajudar a qualificar o ensino.

Esta pesquisa está inserida na linha de pesquisa Educação e Arte, do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, que trata dos “princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte, linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica, estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação” (UNESC, 2009, p. 2).

Classifico a presente pesquisa como qualitativa, que:

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2004, p. 22).

Entendemos que a pesquisa qualitativa se aprofunda nas teorias e significações característica dos cursos de licenciatura, pois usam a teoria para entender o mundo, diferentemente da pesquisa quantitativa, que explica certos fenômenos através de cálculos e estatísticas.

Partindo que “toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta” (MINAYO, 2004, p. 18), a problemática desta pesquisa começou com a seguinte pergunta: Como os professores de Artes, atuantes, do município de Meleiro, entendem a diversidade na educação escolar, e como abordam esse tema nas aulas? Tentando responder está problemática, busquei compreender através das entrevistas, como os professores compreendem a diversidade no ambiente escolar e como ela pode ser inserida nas aulas de artes.

Em relação aos procedimentos técnicos, esta pesquisa partiu de uma pesquisa bibliográfica, que abrangeu a literatura acadêmica sobre o ensino da arte, da diversidade e a educação. Também foram consultados os documentos da Proposta Curricular de Santa Catarina, os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, os sites da Revista Carta Capital e Programa Escola Sem Partido.

Também se insere como pesquisa de campo, pois, para investigar o tema da diversidade, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os professores de Artes atuantes do município de Meleiro. Para Minayo (2004, p. 57), “a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais”, ou seja, a entrevista é uma das formas mais utilizadas quando se faz uma pesquisa de campo.

Na entrevista semiestruturada, “a ênfase é mais em absorver o conhecimento local e a cultura por um período de tempo mais longo do que em fazer perguntas dentro de um período relativamente limitado” (BAUER; GASKELL, 2003, p. 64). Durante a entrevista semiestruturada acontece uma conversa informal, na qual o entrevistador e o entrevistado trocam ideias sobre o assunto discutido, tendo como guia um roteiro de perguntas flexível (BAUER; GASKELL, 2003).

Para a escolha das entrevistadas, utilizei somente o seguinte critério: trabalhar atualmente a disciplina de artes nas escolas do município de Meleiro. Atualmente no município de Meleiro estão atuando oito professores de arte, porém apenas seis professoras aceitaram participar desta entrevista. O roteiro de entrevista (Apêndice A) contém oito perguntas sobre a diversidade e a importância de trabalhá-la na escola, as possíveis relações entre arte e diversidade e como trabalha-las em sala de aula e sobre a perspectiva de uma educação multi e intercultural. As perguntas não foram feitas sobre temas específicos que estão relacionados às diversidades, como cultura afro-brasileira, cultura indígena e relações de gênero, pois a intenção era perceber como os entrevistados percebiam e abordavam a diversidade, sem induzi-los.

Durante as entrevistas, as respostas foram gravadas com um gravador de voz, com a autorização das entrevistadas, que assinaram termo de consentimento, conforme modelo apresentado no Anexo A e foram transcritas.

2 O ENSINO DA ARTE

Para tratar do significado da arte na educação, trago as autoras Ferraz e Fusari (2009), que nos falam sobre a função indispensável que a arte ocupa em nossas vidas e em nossa sociedade, desde o início, tornando-se um fator essencial de humanização, pois ela “se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 18).

Através das várias linguagens da arte, como o teatro, a dança, a música e as artes plásticas, o ser humano pode se expressar, representar e se comunicar com o mundo.

Para compreendermos melhor sobre o ensino de arte no Brasil atualmente, apresentarei momentos importantes da história do ensino e das práticas pedagógicas artísticas.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009), por algum tempo, a educação escolar foi responsabilidade dos jesuítas, mas com as reformas do Marques de Pombal e a vinda da Corte ao Brasil no século XIX, as condições de ensino passaram a ser responsabilidade do Estado. Este novo quadro político pedia reformas na área da educação e da cultura. A pedido do rei, chegou ao Brasil a missão artística francesa, com o objetivo de reformular os padrões estéticos da época. Foi criada então a Academia Imperial de Belas Artes, instalando oficialmente o ensino artístico no país, que acompanhava os modelos das academias de arte da Europa, baseadas no estilo neoclássico. “No Brasil, como na Europa, o desenho era considerado a base de todas as artes, tornam-se matéria obrigatória nos anos iniciais de estudo da Academia Imperial” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 44).

Figura 2 – Moema de Victor Meirelles.



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8725/victor-meirelles>.

A figura 2 do pintor Victor Meirelles,³ intitulada “Moema”, representa o período destacado anteriormente. Na imagem podemos analisar a representação da mulher indígena em belas formas simétricas e pinceladas suaves com composição harmoniosa entre as cores, características da arte da época.

No início do século XX, encontrávamos nas escolas brasileiras as disciplinas artísticas de desenho, trabalhos manuais, música e canto orfeônico. Nesta época, a tendência pedagógica era tradicionalista e a arte era utilizada como uma ferramenta para desenvolver as habilidades manuais dos alunos para o trabalho. As disciplinas resumiam-se a cansativas reproduções de modelos tirados de livros e manuais didáticos (BRASIL, 1997).

O ensino da Arte era voltado, essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor; competia a ele “transmitir” aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variavam de linguagens para linguagens, mas que em comum, sempre, a reprodução de modelos (BRASIL, 1997, p. 25).

O teatro e a dança eram utilizados somente para as apresentações escolares, nas datas comemorativas do ano, como a Páscoa, Dia das Mães ou o Natal, quando os alunos decoravam com rigor as falas e os movimentos no palco. Na música, as aulas correspondiam ao canto orfeônico, que acabou sendo

³ O artista Victor Meirelles é catarinense, nasceu em Florianópolis, no ano de 1832, e faleceu no ano de 1903. Estudou na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro e complementou sua formação acadêmica no exterior (MUSEU VICTOR MEIRELLES, 2016).

transformado em uma aula de teoria musical, na qual os alunos também deveriam memorizar as peças orfeônicas (BRASIL, 1997).

Encontramos nos PCN's (BRASIL, 1997) que, entre os anos de 1920 e 1970, as escolas brasileiras passaram por mudanças no ensino e aprendizagem de arte devido à influência da modernidade e da tendência escolanovista. Nesta época, a expressão e a criação passaram a ser valorizadas como uma forma natural do desenvolvimento da criança.

As aulas de Desenho e Artes Plásticas assumem concepções de caráter mais expressivo, buscando a espontaneidade e valorizando o crescimento ativo e progressivo do aluno. As atividades de artes plásticas mostram-se como espaço de invenção, autonomia e descobertas, baseando-se principalmente na auto-expressão dos alunos (BRASIL, 1997, p.26).

Figura 3 – A Estudante de Anita Malfatti.



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8938/anita-malfatti>.

A figura 3, intitulada “A Estudante” da artista Anita Malfatti,⁴ dialoga com o movimento modernista do ensino da arte destacado anteriormente, pois apresenta em sua composição traços mais expressivos, cores contratantes e contornos grosseiros que desconstróem os modelos artísticos do academicismo.

⁴ A artista Anita Malfatti nasceu em São Paulo no ano de 1889 e faleceu na mesma cidade em 1964. Estudou com artistas renomados no Brasil e na Europa e participou da Semana de Arte Moderna de 1922 recebendo vários elogios e críticas (MODERNISMO BRASILEIRO, 2016).

Relatam os PCN's (BRASIL, 1997) que, após trinta anos de execução, o canto orfeônico foi revisto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1961 passando a ser contemplado a educação musical. Após esta mudança, surgiram novos métodos de ensino, por meio dos quais os alunos começaram a ter novas experiências com a música, como cantar, tocar, dançar e sentir, além de desenvolver a audição, o ritmo e a expressão corporal. Jogos e brincadeiras começaram a fazer parte da aula e os alunos passaram a ser estimulados a experimentar, improvisar e criar na música.

Com a implementação da Lei nº 5.692/71, que introduziu no currículo escolar do ensino fundamental e médio a educação artística, surgiu a tendência pedagógica tecnicista.

Na "Pedagogia Tecnicista", o professor tende a ser responsável por seu planejamento, que deve se mostrar competente e incluir os elementos curriculares essenciais: objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação. A dinâmica do ensino e da aprendizagem não é questionada, pois o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 52).

Com esta tendência pedagógica, as disciplinas artísticas da época deixaram de existir e os professores precisaram complementar sua formação. As aulas se tornaram mais técnicas e a teoria foi deixada de lado.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009), na tendência pedagógica progressista, os conteúdos "apontam para uma análise crítica das realidades sociais e uma educação conscientizadora" (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 53). Nesta perspectiva, Paulo Freire desenvolveu um método revolucionário de alfabetização de adultos entre os anos de 1961 e 1964. Esse método estabelece um diálogo entre o educador e o educando, e busca uma consciência crítica em relação a sociedade. Ficou conhecido em 1971 como "pedagogia libertadora", que influenciou movimentos populares e a educação não formal no Brasil e em diversos países do mundo.

A partir dos anos 80, acreditando em um papel específico que a escola tem com relação a mudanças nas ações sociais e culturais, educadores brasileiros mergulham em um esforço de conceber e discutir práticas e teorias de educação escolar para essa realidade. Conscientizam-se de como a escola se configura no presente, com vistas a transformá-la rumo ao futuro. E nos convidam a discutir as ações e as ideias que queremos modificar na educação em arte, como um desafio e compromisso com as transformações na sociedade (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 54).

Com relação a esta perspectiva de ensino, remeto-me ao projeto “Pedagogia da Roda” do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – (CPCD)⁵ criado pelo educador e antropólogo Tião Rocha que traz uma perspectiva de ensino baseada na pedagogia libertadora de Paulo Freire. Nesta pedagogia, a educação acontece de forma plural e inclusiva, na qual todos contribuem para o aprendizado do grupo usando como material de estudo suas experiências de vida.

Mais tarde, surgiram inquietações sobre a necessidade de se discutir uma nova tendência pedagógica que dialogue com uma prática teórica e metodológica mais realista. Para Ferraz e Fusari (2009), é responsabilidade da educação escolar dar suporte ao educando, através do ensino e da aprendizagem, para que ele seja um cidadão mais consciente, crítico e participativo. Desenvolveu-se, então, uma pedagogia histórico-cultural ou crítico-social dos conteúdos. “Essa pedagogia escolar procura propiciar a todos os estudantes o acesso e contato com os conhecimentos culturais e necessários para uma prática social viva e transformadora” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 55).

Segundo Ferraz e Fusari (2009), Ana Mae Barbosa teve – e tem – grande contribuição na área da arte e educação com suas importantes reflexões. Em seus livros, ela convida os educadores a discutir e encontrar formas de ensinar na atualidade. Preocupada com a democratização do ensino de arte, ela discute a necessidade de ampliar o acesso à arte para a maioria da população. Ana Mae Barbosa também desenvolveu uma proposta triangular, que trouxe melhorias para o ensino de artes. Essa proposta parte de três princípios do conhecimento em arte: “o fazer artístico, a análise de obras artísticas e a história da arte” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 60).

Inicialmente, a “metodologia triangular” desenvolvida por Ana Mae Barbosa abordava uma educação artística mais elitista. Devido às manifestações críticas de alguns educadores e algumas mudanças da própria autora, a abordagem passou a se chamar “proposta triangular”. Agora, a proposta sugere um ensino de arte mais multidisciplinar, ou seja, ela busca um diálogo entre as culturas e outras formas de arte existentes.

Em 1996, a LDB foi alterada, passando a ser obrigatório o ensino de arte em todos os níveis da educação básica: “O ensino da arte, especialmente em suas

⁵ A página do Projeto está disponível em: <http://www.cpcd.org.br/>.

expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010).

No início de 2016, a LDB foi novamente modificada, tornando o ensino da dança, música e teatro parte obrigatória do componente curricular em todos os níveis da educação básica: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular” (Redação dada pela Lei nº 13.278, de 2016).

Percebemos, através deste breve estudo que, o ensino de arte passou por várias mudanças na sua trajetória desde o início do século XIX até o atual momento e ganhou um espaço reconhecido na área da educação escolar brasileira. Mas, infelizmente, durante a escrita deste trabalho de pesquisa, foi anunciado no mês de setembro de 2016, pelo Governo Federal, por meio do *website* do Ministério da Educação (MEC), a Medida Provisória 746,⁶ que propõe a reformulação do Ensino Médio. Esta MP ameaça as conquistas históricas da educação destacadas até o momento, pois retira a obrigatoriedade da disciplina de artes do currículo das escolas brasileiras, como também as disciplinas de educação física, sociologia e filosofia. Professores, alunos e artistas estão se mobilizando para alterar esta MP e continuar com a permanência da arte no currículo escolar. A Federação de Arte Educadores do Brasil (FAEB) publicou em seu site uma nota de repúdio a esta Medida Provisória, que está a seguir:

⁶ A Medida Provisória 746 está disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm.

Figura 4 – Nota de repúdio da Federação de Arte Educadores do Brasil a Medida Provisória 746.



Nota pública da FAEB sobre a Medida Provisória do Ensino Médio

A trajetória de lutas da FAEB (Federação de Arte-Educadores do Brasil) pela qualidade do ensino da arte no Brasil se vincula, também, à construção de políticas educacionais que subsidiam a qualificação da educação básica, particularmente do campo das artes. Por isso defendemos uma concepção de ensino médio como educação de base – formação humana integral – comum a todos os estudantes da educação básica brasileira. Mas não será revertendo as conquistas já alcançadas, tais como as Diretrizes do Ensino Médio, que o direito à formação integral será garantido a todos. Fragmentar essa formação constitui-se em perigoso equívoco, colocando em risco a integridade da educação básica.

A Medida Provisória do ensino médio que ora se apresenta é um retrocesso e um desrespeito à trajetória de lutas dos pesquisadores e professores que vêm, há décadas, pensando a educação brasileira, bem como aos estudantes brasileiros. Ao apontar a possibilidade de eleger-se algumas áreas de conhecimento em detrimento de outras, aposta-se na fragilização da formação integral da pessoa, posto que a formação técnica não prescinde da criação, da reflexão, da criticidade, da criatividade e da reflexividade que a arte pode propiciar na interdisciplinaridade curricular. Sonegar o acesso ao conhecimento da arte na educação básica é sonegar a formação integral aos estudantes, especificamente aos menos favorecidos. Ainda, legitimar a ideia de que professores sem formação possam lecionar as matérias da arte, além de ser um desrespeito a todos – estudantes, professores e à própria matéria – é apostar no abastardamento da educação básica.

Assim, a FAEB repudia veementemente esta Medida Provisória, imposta à população sem discussão. A Diretoria já iniciou o diálogo com parlamentares e não descansará até que os direitos dos estudantes da educação básica sejam garantidos e que as discussões do âmbito acadêmico sejam respeitadas.

Diretoria da FAEB (2014-2016), em 23 de Setembro de 2016.

Fonte: <http://faeb.com.br/documentos-faeb.html>.

Podemos observar que, nesta nota de repúdio, a FAEB alega que esta MP vai de encontro às conquistas dos pesquisadores e professores da área do ensino da arte. O texto chama a atenção para a fragilidade da formação integral dos alunos se essa disciplina se tornar optativa, já que a formação técnica não estimula a criação, a reflexão e a criatividade. Questiona também sobre a possibilidade de atuação de professores não formados, como forma de desrespeito e degeneração da educação.

Esperamos que essa MP seja revisada e que as leis garantam todos os direitos dos estudantes, para que a arte continue nos currículos escolares com o respeito e a valorização que merece, assim como as outras disciplinas.

3 A DIVERSIDADE NA ESCOLA

O tema da diversidade e as suas temáticas (as relações de gênero, a educação ambiental formal, as relações ético-raciais e as modalidades de ensino, educação indígena, quilombola, campo e educação especial) tem sido, cada vez mais, pauta de discussões que tratam sobre a educação escolar. O termo diversidade é recente, porém seu significado sempre esteve presente nas escolas brasileiras. Alguns documentos já trazem em seu contexto abordagens sobre a diversidade, como os PCN⁷ e a PCSC⁸. Mas o que entendemos por diversidade?

A Proposta Curricular de Santa Catarina, na sua atualização de 2014 nos conta que “entende-se a diversidade como característica da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências de vida históricas e culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo” (SANTA CATARINA, 2014, p.51).

Já nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), que traz a diversidade como um tema transversal, afirma que:

Pluralidade Cultural quer dizer a afirmação da diversidade como traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, e o fato de que a humanidade de todos se manifesta em formas concretas e diversas de ser humano (BRASIL, 1997, 19).

Compreende-se então que diversidade e pluralidade cultural nos remetem à diferença, pois todo ser humano possui características que o diferencia dos outros seres humanos. Passamos por diferentes experiências de vida que ajudam a construir uma personalidade única.

Ferraz e Fusari (2009) nos contam que a escola, como espaço de ensino e aprendizado, é o local onde os alunos podem construir vínculos sociais e culturais. Também é o lugar propício para se estudar a arte produzida e difundida pela sociedade em geral. Ao se estudar arte e conhecer suas diversas formas de expressão, o aluno amplia sua própria concepção sobre arte e dá um novo sentido a ela, desenvolvendo um repertório cultural amplo que possibilitará uma “apropriação crítica da arte, aprender a identificar, respeitar e valorizar as produções artísticas, e compreender que existe uma poética individual dos autores e diferentes modalidades da arte” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 19).

⁷ Encontrado em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>.

⁸ Encontrado em: http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta_Curricular_final.pdf.

A escola é um espaço bastante favorável para se estudar a arte de outras culturas, estabelecendo uma nova relação com elas e propiciando o aprendizado, respeito, valorização e compreensão sobre as culturas artísticas estudadas.

Precisamos romper com as concepções elitistas, principalmente aquelas que trazem uma única visão europeia, branca e masculina, pois desta maneira desloca-se da perspectiva hegemônica para acentuar a pluralidade cultural. Precisamos questionar toda forma de pensamento único e mostrar aos alunos que a arte possui diferentes formas de ver o mundo (FERREIRA, 2001).

Segundo Rosa (2006), quando se leva para a sala de aula somente uma arte europeia e estadunidense como única forma de arte, automaticamente afirmam-se as relações de poder, racismo e estigmatização sobre as outras culturas, distanciando-se da política da inclusão. Para a autora, os professores de Arte necessitam divulgar a arte produzida por outras culturas, como a africana, por exemplo, em espaços que a arte é institucionalizada e “deste modo os professores e alunos poderão ter ferramentas simbólicas para a educação do olhar para a diferença” (ROSA, 2006, p. 14).

A partir desta discussão, levo a pensar esse assunto na escola onde ainda encontramos um currículo homogeneizador que privilegia uma única cultura “reconhecendo conhecimentos provenientes de uma única tradição epistemológica e sociocultural como legítimos e dignos de integrar o currículo escolar e estratégias didático-metodológicas homogêneas” (CANDAU, 2012, p. 187). Os autores Moreira e Candau (2003 apud Candau 2012, p.187) nos contam que:

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar.

Homogeneizar o currículo escolar sempre foi a saída mais fácil para a escola. É um caminho mais confortável e não gera esforços para o corpo docente. Lidar com a diversidade sempre foi um desafio para a escola, que silenciou e neutralizou essas diferenças. Porém, ela está chamada a enfrentar essa situação por meio de leis, como a LDB, para possibilitar mudanças significativas em nossa sociedade. Encontramos na LDB, no Artigo 26, a seguinte obrigatoriedade:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras” (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

Vemos aqui que a cultura afro-brasileira parece ter uma menção maior em relação aos indígenas, cabendo à cultura destes povos apenas uma citação no final da frase. Ainda assim, são poucas as Leis que protegem os direitos dos negros e dos indígenas no Brasil. Nessa luta pelos direitos, encontramos a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR),⁹ criada por meio da Medida Provisória 111 no ano de 2003 e convertida na Lei nº 10.678, tendo como principal competência: “Assessorar o Presidente da República na execução de políticas e diretrizes para a promoção da igualdade racial” (BRASIL, 2003). A SEPPIR permanece existindo, após a reforma administrativa de 2016, que extinguiu o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos.

3.1 UMA PROPOSTA MULTI E INTERCULTURAL

A perspectiva de uma educação multicultural tem uma discussão muito recente. Estudos sobre o multiculturalismo começaram a surgir a partir de 1990. Pensando em uma educação em arte mais inclusiva, que contemplasse as relações da diversidade cultural, estudiosos da área, como Candau e Richter, desenvolveram teorias sobre o ensino multicultural. Com estudos mais aprofundados sobre o multiculturalismo, eles desenvolveram algumas concepções acerca do assunto. Neste trabalho, abordaremos uma concepção mais intercultural, uma inter-relação entre as culturas, como afirma Ivone Mendes Richter:

A educação multicultural, vista dessa forma, envolve o desenvolvimento de competências em muitos sistemas culturais. Ela reconhece similaridades entre grupos étnicos e, ao invés de salientar as diferenças, busca promover o cruzamento cultural das fronteiras entre grupos culturais, sejam eles quais forem, e não a sua permanência (RICHTER, 2003, p. 13).

⁹ A página da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial está disponível em: <http://www.seppir.gov.br/>.

A educação multicultural busca a preservação das culturas e do diálogo através do desenvolvimento das competências interculturais, ou seja, ter o conhecimento e a capacidade de lidar com os códigos culturais de outras culturas, assim como, a compreensão de como ocorrem certos processos culturais básicos, e o reconhecimento de contextos macro culturais onde as culturas se inserem, como por exemplo, a arte (RICHTER, 2003).

No nosso país, Ana Mae Barbosa foi uma das primeiras arte-educadoras a mencionar a abordagem multicultural. Segundo a autora, o ensino da arte “deve exercer o princípio democrático de acesso a informação de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais dos diferentes grupos” (BARBOSA, 1994, p. 33).

Como diretora do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC/USP) e nas atividades como arte-educadora, Ana Mae Barbosa realizou várias experiências multiculturais, com o Projeto “Estética das Massas”, que consistia em realizar no museu, pelo menos uma vez por ano, exposições sobre os códigos estéticos das minorias, estabelecendo uma comunicação com o público e influenciar o gosto por esta arte. Contra o desejo de historiadores tradicionais de arte e curadores da Universidade, o projeto foi desenvolvido durante o período de 1987 e 1993, porém foi muito bem aceito por antropólogos e críticos de arte (IOP, 2008).

Para Elisa Iop, ainda existem professores que desenvolvem ações educativas que, na maioria das vezes, privilegiam o código estético europeu, “deixando a cultura na qual o aluno está inserido, bem como a de outros grupos não dominantes [...] pouco enfatizadas” (IOP, 2008, p. 155).

Candau (2008) propõe a superação da perspectiva multicultural, por meio de uma educação intercultural, que busca reconhecer todas as culturas de uma forma paralela, sem discriminações e preconceitos, possibilitando um ambiente de respeito e tolerância para que façam parte de um currículo escolar democrático. A autora explica que essa perspectiva busca a interação entre as diferentes formas culturais.

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma

sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade (CANDAU, 2008, p. 52).

Analisando esta visão, acredito que a educação intercultural pode ser a melhor perspectiva para uma educação escolar, principalmente na área de arte, pois propõe uma relação de respeito entre os diferentes grupos culturais, promovendo formas de convívio mais tolerantes e democráticas. Esta perspectiva sugere um ambiente ideal de escola que protege as diferenças de seus alunos, entendendo como seus direitos.

Além de levar em consideração as expressões artísticas e estéticas de diferentes culturas, estabelecendo uma interação entre elas a fim de contribuir para a valorização e o respeito a essas diferenças, é preciso também considerar outras formas de diversidade. A diversidade, como veremos a seguir nos documentos oficiais, abrange também outros aspectos que devem ser considerados a fim de tornar a sociedade mais justa e igualitária para todos.

4 A DIVERSIDADE NA PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA E NA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE MELEIRO

Analisando a Proposta Curricular de Santa Catarina, na sua atualização de 2014, encontramos um capítulo específico sobre a diversidade. A atualização desta Proposta ocorreu devido à necessidade de reconhecer e assumir a diversidade do ser humano, como um princípio formativo e fundante do currículo escolar da educação básica (SANTA CATARINA, 2014).

De acordo com a PCSC:

A diversidade como princípio formativo tem sido apresentada como atrelada à educação inclusiva e educação integral, e resulta no enfrentamento desses discursos dominantes homogeneizadores. Busca promover a discussão nos espaços escolares e passa a deflagrar sistemas de representação mais amplos e a compreender que a valorização da diferença não se dá por meio de um discurso harmonioso, inócuo, e pela aceitação de grupos considerados excluídos como uma atitude, apenas, de tolerância. O respeito e o reconhecimento são o objetivo (SANTA CATARINA, 2014, p. 56).

Para o documento, diversidade “nos remete à ideia de diferenças de identidades constitutivas dos seres humanos, das suas organizações sociais, etnias, nacionalidades, gêneros, orientação sexual, religiosidades” (SANTA CATARINA, 2014, p. 51).

Percebemos que, neste documento, o termo diversidade possui um sentido bastante amplo sobre o seu significado, compreendendo a diversidade como característica do ser humano. No decorrer do capítulo, encontramos a seguinte citação: “podemos afirmar que os sujeitos da diversidade somos todos nós, mas há que destacar os grupos que vivenciaram processos de preconceito e discriminação, principalmente, no percurso formativo” (SANTA CATARINA, 2014, p. 57). O documento ressalta a importância de destacar alguns grupos que historicamente vivenciaram momentos de preconceito e discriminação por suas diferenças, como no caso dos afro-brasileiros, os indígenas, os quilombolas, os sujeitos do campo, os sujeitos da educação especial, as mulheres e os homossexuais.

Analisando a PCSC, percebemos que ela traz para discussão algumas temáticas da diversidade, como: a educação para as relações de gênero; a educação para a diversidade sexual (orientação sexual e identidade de gênero); a educação e prevenção; a educação ambiental formal; a educação das relações

étnico-raciais; além das modalidades de ensino: a educação especial; a educação escolar indígena; a educação do campo e a educação escolar quilombola.

Para a Proposta, “falar em gênero é perceber como, para homens e mulheres, para meninos e meninas, a cultura, a sociedade e o atual tempo histórico constroem diferentes formas de “ser masculino” ou “ser feminino” (SANTA CATARINA, 2014, p. 58).

É evidente que, ainda existe uma compreensão equivocada sobre o significado da palavra gênero. Muitas pessoas relacionam a palavra gênero ao nosso sexo biológico. Porém, neste documento, a palavra gênero compreende a construção social e histórica das significações de homem e de mulher, do masculino e do feminino. Neste assunto, a PCSC traz a historiadora Joan Scott, que dialoga sobre as questões de gênero, que possui a seguinte definição:

Minha definição de Gênero tem duas partes e vários subconjuntos. Eles são inter-relacionados, mas devem ser analiticamente distintos. O núcleo da definição repousa em uma conexão integral entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo de um relacionamento social baseado em diferenças percebidas entre sexos, e gênero é um modo primário de significar relacionamentos de poder (SCOTT, 1989, p. 42).

De acordo com a afirmação acima, existem duas maneiras de definir o gênero: a primeira está relacionada ao corpo biológico (sexo), e a segunda definição está relacionada às relações de poder, construídas historicamente, entre homens e mulheres. Essas construções não acontecem da mesma forma em todos os países e grupos sociais, pois cada cultura tem sua maneira de definir as características de gênero. Nesse sentido, os sujeitos cuja sexualidade diverge do padrão heteronormativo, como é o caso dos LGBT¹⁰, devem ser respeitados na sociedade.

Já para as relações étnico-raciais, o documento ressalta as Leis nº 10.639 de 2003 e nº 11.645 de 2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Essa obrigatoriedade tem como objetivo proporcionar o reconhecimento e a valorização da identidade, história e cultura, dos negros e indígenas na educação brasileira (SANTA CATARINA, 2014).

No documento, a educação escolar indígena, quilombola, do campo e a educação especial são compreendidas como modalidades de ensino. Para este tipo de educação, são direcionadas diretrizes específicas que orientam a forma de organizar a escola, assim como a elaboração de um currículo diferenciado.

¹⁰ O termo LGBT significa, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

Segundo esse pressuposto, o currículo escolar deve ser flexível, em contínuo processo de construção, elaboração e inovação. O currículo escolar, quanto a sua organização e funcionamento, deverá priorizar as necessidades de pessoas com deficiência, transtornos do espectro autista, altas habilidade/superdotação e dos grupos étnicos, bem como os meios que promovam os processos que efetivem sua metodologia e proporcionem o desenvolvimento intelectual do sujeito dos seus processos próprios de aprendizagem (SANTA CATARINA, 2014, p. 69).

Para essas modalidades de ensino, a escola deve ter um currículo diferente, priorizando as necessidades de seus alunos, sejam eles sujeitos com deficiência, ou pertencentes a grupos étnicos específicos, ou ainda para os alunos que moram na zona rural ou pertencem a comunidades quilombolas. O conteúdo do currículo e as metodologias utilizadas nessas escolas devem proporcionar uma aprendizagem de acordo com as especificidades desses grupos.

Quando verificamos a Proposta Pedagógica da Rede Municipal de Meleiro, encontramos poucas menções sobre a diversidade. No prefácio, encontramos a primeira menção, que diz: “Além da era digital outro grande desafio que nossas escolas enfrentam é a inclusão social, a diversidade, pois temos direitos e deveres que estão garantidos na constituição, desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental, compromisso do governo municipal” (MELEIRO, 2012, p. 2). Vemos então que a Proposta de Meleiro compreende que incluir a diversidade na escola é um grande desafio e reconhece que todos temos direitos e deveres que estão na Constituição e ressalta o compromisso do município em cumprir esta proposta.

No mesmo documento, mais a frente, encontramos outra menção sobre diversidade:

O professor é o consultor, mediador, orientador, especialista e facilitador do processo de ensino e aprendizagem. A criação de um ambiente de confiança, respeito às diferenças e reciprocidade, encoraja o aluno a reconhecer as suas dúvidas e a descobrir a potencialidade de aprender (MELEIRO, 2012, p. 4).

Aqui a Proposta afirma o papel importante que o professor tem no processo de ensino e aprendizagem sobre as diferenças. Na página doze, do documento, que corresponde às práticas educativas na escola inclusiva, é prevista a “Capacitação aos professores em áreas específicas como a de Libras, Braille e Síndromes em geral” (MELEIRO, 2012, p. 12). Percebemos que a proposta apresenta o compromisso que o município tem em relação à capacitação dos professores.

De acordo com os educadores e educadoras do Rede Municipal de Meleiro, a inclusão requer promoção do sentimento de pertencer a um grupo, sem desconsiderar as diferenças individuais, fazendo uso da diversidade, das potencialidades de cada um. Inclusão é acolher o diferente, aproximá-lo do outro, é perceber seus anseios e expressões, não somente pelo direito, mas pelo processo de humanização, seja no currículo ou nas ações gerais da vida escolar (MELEIRO, 2012, p. 12).

Não encontramos, na proposta, conteúdos ou objetivos que ajudem o professor ou o aluno a entender este tema. É preciso mencionar aqui que, no capítulo que corresponde à disciplina de artes, encontramos a concepção de que a arte seria um instrumento para o processo de ensino e aprendizagem de outras disciplinas: “Ela também tem o papel importante de ajudar os alunos em outras áreas do conhecimento tais como matemática, história e geografia” (MELEIRO, 2012, p. 94). Essa concepção não reconhece a arte como uma disciplina independente, ficando restrita a conteúdos práticos, como a confecção de origamis, formas geométricas, leituras e releituras, entre outras, conforme nas descrições do conteúdo programático.

A diversidade é mencionada na proposta municipal na parte que corresponde à disciplina de História, abordando conteúdos que tratam sobre os indígenas, açorianos, alemães, italianos, negros e eslavos como grupos formadores do povo catarinense pela imigração. Na disciplina de ensino religioso, encontramos maiores menções sobre a diversidade. Um dos objetivos propostos dessa disciplina é que o aluno “seja esclarecido sobre o direito à diferença e sobre a importância da valorização do outro para uma sociedade baseada em valores, como liberdade e justiça” (MELEIRO, 2012, p. 84). Encontramos também conteúdos, no ensino religioso, como a cultura afro-brasileira, sexualidade, direitos humanos, entre outros temas, que são muito importantes e que deveriam estar inclusos nas outras disciplinas.

4.1 O PROJETO DE LEI “ESCOLA SEM PARTIDO”

Foi criado, no ano de 2004, um projeto de lei intitulado “Escola sem Partido”,¹¹ pelo advogado Miguel Nagib, que proíbe o professor de discutir “a doutrinação política e ideológica em sala de aula” (BRASIL, 2004) e tenta criar formas de controle sobre o conteúdo ensinado pelos professores.

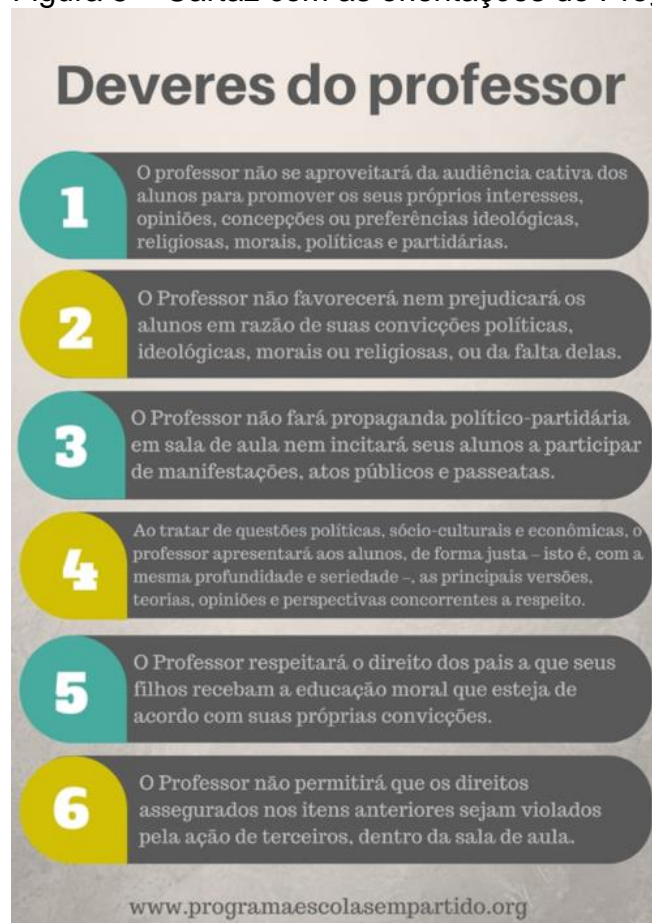
¹¹ O projeto de Lei pode ser encontrado na página online: <http://www.programaescolasempartido.org/>.

Este projeto de lei está circulando por todos os estados do país e já foi aprovado em algumas cidades, como Campo Grande (MS), Picuí (PB) e no estado de Alagoas. Porém, com os intensos protestos realizados pelos professores, o projeto de lei foi vetado (CARTA CAPITAL, 2016).¹²

Desde 2014, a Câmara Municipal da cidade de Santa Cruz do Monte Castelo, no norte do Paraná, aprovou o projeto de lei “Escola Sem Partido” e as escolas do município vem aderindo às regras desta lei. A maioria dos professores é contra o projeto e alguns o classificam como a “lei da mordça” (CARTA CAPITAL, 2016).

Um dos objetivos do projeto é a afixação de um cartaz nas paredes das salas de aulas do ensino fundamental e médio, como mostra a Figura 5.

Figura 5 – Cartaz com as orientações do Programa Escola sem Partido.



Fonte: <http://www.programaescolasempartido.org/>.

¹² A matéria sobre o projeto de Lei pode ser encontrada em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-unica-cidade-a-adotar-o-escola-sem-partido>.

Segundo o projeto de lei, debates sobre política e ideologias, como a de gênero ou religiosa, durante as aulas, ofende o estudante. Penso que existe um grande equívoco neste projeto, já que compreende que o estudante é um ser alienado, sem opinião e sem capacidade de poder debater sobre estes assuntos em sala de aula. Levar este tipo de debate, segundo as justificativas do projeto, pode induzir a opinião do aluno, violando o art. 12 da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, segundo o qual "os pais têm direito a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções". Este argumento exclui as diferentes religiões do nosso país, como o budismo, protestantismo, espiritismo, religiões afro-brasileiras e indígenas, entre outras, abordando apenas uma única religião.

Analisando o documento da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, encontramos no primeiro parágrafo uma citação que afirma:

Toda pessoa tem direito à liberdade de consciência e de religião. Esse direito implica a liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças, bem como a liberdade de professar e divulgar sua religião ou suas crenças, individual ou coletivamente, tanto em público como em privado (BRASIL, 1969).

Entendemos aqui que todo ser humano tem o direito de expressar com liberdade suas crenças religiosas, independentemente do tipo de religião, de forma individual ou coletiva, em âmbito público ou privado, sem restrições ao tipo de lugar ou pessoas. No mesmo documento, encontramos no artigo 13 o seguinte:

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento e de expressão. Esse direito compreende a liberdade de buscar, receber e difundir informações e idéias de toda natureza, sem consideração de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer outro processo de sua escolha (BRASIL, 1969).

Vemos aqui que todo o ser humano tem o direito de ser livre para pensar e se expressar sobre informações ou ideias independentemente de sua natureza.

A liberdade de expressão do professor, segundo o projeto de Lei, também "afronta o princípio da neutralidade política e ideológica do Estado e ameaça o próprio regime democrático" (BRASIL, 2004). Vemos que o projeto afirma que não se pode tomar uma posição política ou ideológica nas salas de aula, pois isso afeta a nossa democracia. Acredito que implementar uma lei que obrigue o que pode e o que não pode ser ensinado em uma sala de aula já faz menção a uma ideologia

única de ensino e toma uma posição política. Vemos aqui que esta lei é contraditória.

Há uma parte do projeto que afirma que discutir política em sala de aula seria “desequilibrar o jogo político em favor de um dos competidores” (BRASIL, 2004). Nesse sentido, cabe refletir sobre a importância de desenvolver o pensamento crítico na escola. Também podemos questionar: proibir esta discussão favorece a quem? A nossa democracia? Encontramos outra parte do projeto que afirma:

Essas práticas, todavia, apesar de sua manifesta inconstitucionalidade e ilegalidade, tomaram conta do sistema de ensino. A pretexto de “construir uma sociedade mais justa” ou de “combater o preconceito”, professores de todos os níveis vêm utilizando o tempo precioso de suas aulas para “fazer a cabeça” dos alunos sobre questões de natureza político-partidária, ideológica e moral.

Esta parte afirma que é ilegal, ou seja, contra a lei pôr em discussão esses assuntos e diz ser mero pretexto construir uma sociedade mais justa no combate ao preconceito através da educação. Essa justificativa contradiz a Proposta Curricular de Santa Catarina, os Parâmetros Curriculares Nacionais, as Diretrizes Curriculares para as Relações Étnicas Raciais, entre outros, que salientam a importância de discutir esses assuntos na educação escolar, para a garantia dos direitos.

5 O MUNICÍPIO DE MELEIRO

Figura 5 – Vista área do Município de Meleiro.



Fonte: http://www.meleiro.sc.gov.br/thumbs/667/1459621_resize_1000_1000.jpg.

Meleiro¹³ é um pequeno município localizado no extremo sul catarinense, pertencendo à microrregião da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC). Possui, segundo os índices do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 7.066 habitantes na sua predominância descendentes de italianos e açorianos e possui como base econômica a agricultura (plantação de arroz, fumo, milho e feijão).

Possui este nome devido à quantidade de colmeias de abelhas encontradas durante sua colonização.

[...] havia grande quantidade de abelheiras. Conseqüentemente, também era encontrado com fartura o produto das abelhas (mel e cera). Daí a razão de o município passar a se denominar MELEIRO (o que negocia o mel, comprando-o nos engenhos ou crestando-o nas colmeias para vender a retalho. Tirador de mel) (GLÜCK, 2007, p. 12).

O município de Meleiro possui traços da diversidade em sua história. Inicialmente, habitavam na região os índios botocudos que dividiram o território com um casal de refugiados da escravidão, Jacinto e Rosa. Por volta do ano de 1892, chegou ao município a família Rocha, que descendiam de bugres (nome dados aos indígenas pelos europeus, denotando que não eram cristãos) e portugueses. Com o

¹³ Site da prefeitura disponível em: <http://www.meleiro.sc.gov.br/>.

início da colonização, chegaram ao município imigrantes italianos, alemães e poloneses.

Meleiro foi colonizada principalmente por imigrantes italianos no início da década de 1890, e preserva fortemente as tradições, como o dialeto, o vestir, a música e a comida típica.

Os descendentes lusos que aqui residem comentam frequentemente que, [...] existia em Meleiro um preto velho de nome Jacinto [...] e sua esposa Rosa [...], viviam da caça e da pesca, atividades que os colocavam em constantes conflitos com os aborígenes, os índios botocudos [...]. Presume-se que Jacinto e Rosa eram refugiados da escravidão. Por volta do ano de 1892, fixaram-se as primeiras famílias, Rocha e Macedo, sendo que os primeiros moradores foram Bartolomeu Rocha e sua esposa Celina. [...]. Alguns anos depois, começaram a chegar as primeiras famílias de imigração italiana (GLÜCK, 2007, p. 6).

O município de Meleiro atualmente possui três escolas e duas creches. A Escola de Educação Básica Prefeito Luiz de Pelegrini e o Centro de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho ficam localizados na comunidade de Sapiranga, lugar onde trabalho atualmente. A Escola de Educação Básica Inês Tonelli Nápoli, o Centro de Educação Infantil Escadinha do Tempo, a Escola de Educação Básica de Meleiro e o Centro de Educação Infantil Pato Donald ficam localizados no centro da cidade. As três escolas do município foram os locais onde estudei e realizei o estágio obrigatório da faculdade. Apesar do município possuir extensa zona rural, não há nenhuma escola do município que apresente a modalidade de ensino “Educação para o campo”.

Trago abaixo, uma imagem da Casa da Cultura, localizada no centro do município, onde ocorrem exposições de trabalhos manuais do clube de mães e reuniões em relação a cultura do município.

Figura 6 – Casa da Cultura em Meleiro.



Fonte: <http://meleiro.sc.gov.br/turismo/item/detalhe/15367>.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresento os resultados da pesquisa realizada com seis professoras de Artes que atualmente trabalham no município de Meleiro. Para melhor visualização, foi construída a seguinte tabela com as características de cada entrevistada.

Tabela 1 – Identificação das entrevistadas.

	Formação Acadêmica	Tempo de Atuação	Turmas que leciona
E 1	História (possui especialização)	1 ano (na área de Artes); ACT	Pré escolar a 9º ano
E 2	Artes Visuais (possui especialização)	4 anos; ACT	Pré escolar, series iniciais, ensino fundamental 2
E 3	Artes Visuais (possui especialização)	10 anos; efetiva	Ensino fundamental 2 e ensino médio
E 4	Artes Visuais (possui especialização)	17 anos; efetiva	Pré escolar e series iniciais
E 5	Artes Visuais (possui especialização)	12 anos; efetiva	Series iniciais e Ensino médio
E 6	Artes Visuais (possui especialização)	5 anos, ACT	Ensino fundamental 2

Fonte: Acervo do pesquisador.

Na tabela anterior, encontramos algumas informações relevantes das seis professoras entrevistadas, como sua formação acadêmica, tempo de serviço e as turmas nas quais atuam. As seis professoras trabalham atualmente no município de Meleiro em escolas municipais e estaduais públicas. Para proteger suas identidades, em respeito ao seu anonimato, foi utilizado o termo E (entrevistada) durante a escrita da análise de dados.

E1 é graduada em História e está atuando como professora de Artes na rede municipal do município de Meleiro há um ano como professora ACT (Admitido em Caráter Temporário) e está trabalhando com as turmas do pré-escolar e ensino fundamental 2. E2 possui graduação em Artes Visuais e está atuando como

professora de Artes há quatro anos, sendo que este é o primeiro ano que trabalha em uma do município de Meleiro, é professora ACT e está trabalhando com as turmas do pré-escolar e series iniciais. E3 é graduada em Artes Visuais e está atuando como professora de Artes há dez anos, atualmente é efetiva e trabalha com as turmas do ensino fundamental 2 e ensino médio. E4 possui a graduação em Artes Visuais e está atuando como professora de Artes há dezessete anos, há alguns anos se efetivou e atualmente trabalha com as turmas do pré-escolar e series iniciais. E5 possui graduação em Artes Visuais e está atuando como professora na área já há dez anos, atualmente é efetiva e trabalha com as turmas da series iniciais e do ensino médio. E6 é graduada em Artes Visuais e está atuando como professora de Artes ACT há cinco anos, trabalha atualmente com as turmas do ensino fundamental 2.

Após a primeira pergunta, que consistiu em saber qual sua formação acadêmica e há quanto tempo está atuando na área do ensino da arte, a segunda pergunta buscou saber o significado para as entrevistadas de trabalhar a diversidade na escola. Das seis professoras entrevistadas, uma respondeu que trabalhar a diversidade na escola significa inovar nas propostas metodológicas em sala de aula. Conforme a sua fala: *“é trabalhar com o diferencial, não utilizando os mesmos materiais que todos os professores estão acostumados a usar e sim trazer propostas novas para os alunos”* (E1).

Percebemos que uma das entrevistadas compreendeu o termo “diversidade” como algo diversificado, uma metodologia diversificada, na escola, diferentemente do conceito utilizado nesta pesquisa, que aborda o conceito de diversidade, que refere as diferenças que caracterizam os seres humanos. Conforme a autora Gomes:

A diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder (GOMES, 2007, p. 17).

Para Gomes, a diversidade é entendida como as diferenças do ser humano. Essas diferenças foram construídas ao longo da história, nas relações culturais e sociais.

As demais entrevistadas responderam a primeira pergunta de forma breve, com respostas rápidas e sem muitas explicações, que trabalhar com a diversidade na escola significa ensinar aos alunos o respeito às diferenças dos outros colegas, como podemos perceber nas seguintes falas: *“Trabalhar a diversidade na escola é ensinar a importância do respeito que se deve ter com as diferenças dos colegas”* (E2); *“É conscientizar o educando sobre a sociedade na qual estamos inseridos, respeitando as diferenças culturais e entendendo que somos humanos, todos iguais, mas com opções de vida diferentes”* (E3), *“Pra mim, trabalhar a diversidade na escola, significa ensinar a importância do respeito tanto no ambiente escolar quanto na sociedade, respeitando as diferenças dos colegas”* (E6).

Encontramos nestas respostas a ênfase no respeito às diferenças, que vai ao encontro do que Gomes discute sobre a diversidade, que ainda completa: *“Conviver com a diferença (e com os diferentes) é construir relações que se pautem no respeito, na igualdade social, na igualdade de oportunidades e no exercício de uma prática e postura democráticas”* (GOMES, 2007, p. 30).

Para poder analisar melhor as respostas dadas à questão anterior, foi questionado se as entrevistadas conhecem a Proposta Curricular de Santa Catarina na sua atualização de 2014, que possui um capítulo específico sobre as diversidades, conforme elencado no capítulo 4 desta pesquisa. Dentre as seis entrevistadas, duas responderam que conhecem, três afirmaram não lembrar e uma respondeu que não conhece.

Continuando no mesmo assunto, foi questionado se as entrevistadas conheciam o termo “diversidade”. Todas as entrevistadas responderam que conhecem o termo, mas em algumas falas foi percebido controvérsias. Como nas seguintes falas: *“Eu acho que seria os materiais, os níveis de diferenciação e as propostas trabalhadas na sala de aula”* (E1), *“Já trabalhei com a diversidade, foi bem produtivo, eu usei o celular e o data show”* (E2), *“Para este tema, uso materiais que custam pouco para os alunos, como a sucata”* (E4).

Volto a mencionar Gomes, que afirma que:

A diversidade é muito mais do que o conjunto das diferenças. Ao entrarmos nesse campo, estamos lidando com a construção histórica, social e cultural das diferenças a qual está ligada às relações de poder, aos processos de colonização e dominação. Portanto, ao falarmos sobre a diversidade (biológica e cultural) não podemos desconsiderar a construção das

identidades, o contexto das desigualdades e das lutas sociais (GOMES, 2007, p. 41).

Na afirmação acima, Gomes alerta para a construção histórica, social e cultural que dão origem às diferenças do ser humano e a ligação das relações de poder, colonização e dominação.

Na terceira pergunta feita às professoras entrevistadas, foi investigado se elas já trabalharam o tema das diversidades em suas aulas. Todas as seis entrevistadas responderam que sim e relataram suas experiências. E1 usou em uma de suas aulas o artista Andy Warhol¹⁴ e a reprodução de imagens da atriz Marilyn Monroe. Primeiramente ela trabalhou a biografia do artista com seus alunos e depois levou-os para pesquisarem na internet dos computadores da escola mais sobre o assunto. Com materiais como lápis de cor, giz de cera e tinta, elas produziram algumas imagens referentes a famosa obra de Andy Warhol “Trio de Marilyns”, destacado na Figura 7.

Para E1, trabalhar a diversidade nas aulas significa utilizar uma prática pedagógica diversificada, como no relato destacado anteriormente. Ela aponta como diferente a forma com que trabalhou o desenho, utilizando como referência o artista Andy Warhol e usando técnicas de reprodução, com a imagem da artista Marilyn Monroe, além de lápis de cor, giz de cera e tinta. Na compreensão da entrevistada, o termo diversidade está direcionado a um significado diferente do referencial teórico utilizado nesta pesquisa.

E2 relatou que trabalha frequentemente o tema das diversidades com seus alunos, principalmente com a educação infantil, levando a cultura africana e a obra da Ana Maria Machado¹⁵ “Menina Bonita do Laço de Fita”, conforme a figura 8, que conta a história de uma menina negra que tinha lindos cabelos, enfeitados por fitas, e a história de um coelho curioso, que queria saber como fazer para ter a cor da pele preta. Então ele perguntava: Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha? Entre tantas respostas, o coelho descobriu que, para ter a pele preta, ele precisaria ter uma mãe ou uma avó negra. A partir dessa história, a professora produz com seus alunos desenhos.

¹⁴ Andy Warhol nasceu em Pittsburgh no ano de 1928 e faleceu em 1987 na cidade de Nova York. Foi empresário, pintor, cineasta e maior representante do movimento Pop Art.

¹⁵ Ana Maria Machado nasceu no Rio de Janeiro em 1941 é jornalista, professora e escritora brasileira.

E3 contou que, ao trabalhar a biografia de um artista, ela conta seus dramas e/ou preconceitos vivenciados e faz uma abertura para se falar da diversidade. Mas, no momento da entrevista, afirmou não se lembrar do nome de algum artista que tenha trabalhado.

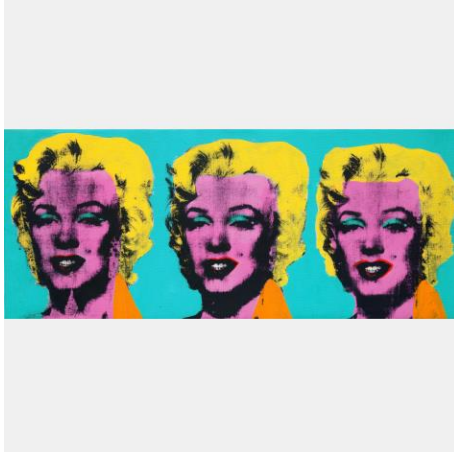
Já E4 afirmou que discute o tema da diversidade quando seus alunos contam para ela o que ouviram em casa de seus pais, da televisão ou da internet, por meio de um diálogo que ensine o respeito a essas informações. Relatou também que já trabalhou com seus alunos a cultura indígena com a produção de potes em argila e a pintura de grafismos. Na fala da E4, percebemos também a limitação em trabalhar com as outras temáticas da diversidade, que, no seu relato, restringe-se à cultura indígena. Porém, a professora demonstra uma abertura para uma discussão mais ampla do tema quando seus alunos trazem perguntas de assuntos vistos fora do ambiente escolar.

E5 relatou que usa a arte contemporânea para discutir o tema da diversidade, pois é um estilo de arte que aborda em suas produções todos os tipos de assuntos e desperta um olhar diferenciado e mais crítico dos alunos.

E6 afirmou que prefere trabalhar com o tema da diversidade no mês de novembro, aproveitando o Dia Nacional da Consciência Negra, discutindo com seus alunos sobre a questão do lápis “cor de pele” e os diferentes tons de pele. Vemos aqui que E6 reduz a diversidade à cultura afro-brasileira e não discutindo as outras temáticas do tema, percebemos também que, ela discute o tema somente em uma data pontual do calendário escolar.

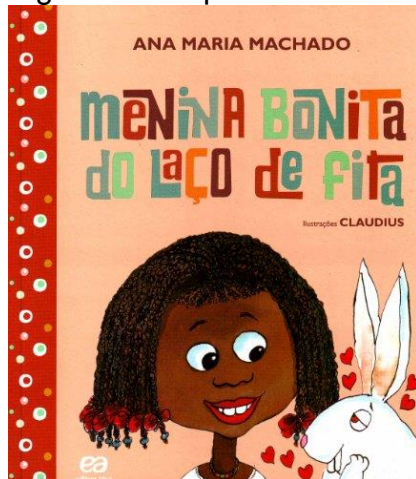
Observamos nestas respostas que a diversidade trabalhada pelas entrevistadas compreende, na maioria das vezes, à cultura africana e à cultura indígena. Outras temáticas da diversidade, como as relações de gênero, por exemplo, não são abordadas.

Figura 7 – Trio de Marilyns de Andy Warhol.



Fonte: <http://collection.warhol.org/view/objects/asitem/search@/3/title-asc?t:state:flow=a690d99b-4908-4c78-bbbf-c502d6784e30>.

Figura 8 – Capa do livro Menina Bonita do Laço de Fita.



Fonte: http://statics.livrariacultura.net.br/products/capas_lg/154/15016154.jpg.

A quarta pergunta consistiu em saber qual a importância que as entrevistadas atribuem a discutir sobre o tema da diversidade com seus alunos. Todas as seis entrevistadas afirmaram que é importante esta discussão, porém algumas responderam de uma forma vaga, sem argumentos que explicassem essa importância, como podemos perceber nos trechos das entrevistas: “É importante sim discutir o tema da diversidade” (E2), “Sim, em meio a tantos conflitos existentes é um tema fundamental para se discutir” (E3), “Com certeza, principalmente nesta atualidade que estamos vivendo” (E5).

Neste assunto, Rosa esclarece sobre o papel importante que o professor possui para a inclusão de assuntos da diversidade.

No cerne da escola, a ação dos professores de arte é mola mestra para a inclusão de aspectos mais amplos do que os estipulados pela cultura institucionalizada. A qualificação da formação dos professores tem a tarefa de estimulá-los para que, ofereçam espaço na aula de arte, onde as futuras gerações ampliem seu contato com a arte, num processo de alimentar-se de uma produção artística variada, com elementos locais e internacionais, popular e de outros povos, os alunos terão maior visibilidade dos aspectos culturais da humanidade (ROSA, 2005, p. 64).

Para a autora, os professores precisam de uma formação de qualidade para oferecerem em suas aulas possibilidades de ampliação do olhar em relação a arte de outras culturas.

Na quinta pergunta, foi questionado se as entrevistadas já participaram de alguma formação continuada que abordasse o tema das diversidades. Dentre as seis entrevistadas, quatro responderam que não participaram de nenhuma formação continuada com o tema. E2 respondeu que participou de uma formação continuada com o tema: Educação Inclusiva e Direito à Diversidade, em Criciúma, no ano de 2013. E3 relatou que faz algum tempo que não participa de uma formação continuada promovida pela GERED de Araranguá e que a escola do município de Meleiro em que trabalha parou com as formações pedagógicas devido à greve também. A mesma professora afirmou que *“as políticas públicas querem que a escola trabalhe amplamente este e outros temas, mas em contrapartida, pouco auxiliam ou contribuem para o professor se aperfeiçoar”*. E5 relatou que durante sua pós-graduação aconteceram discussões sobre o tema da diversidade, mas que não recorda sobre o que especificamente foi abordado.

Rosa corrobora a importância da participação dos professores em cursos de formação continuada:

Com uma proposta de educação continuada os professores terão mais chance de conseguir refletir sobre sua própria preparação, influenciando sobre ela de uma forma mais reflexiva, conseguindo identificar como fruto das relações que se estabelecem ao longo da vida, antes de serem professores, durante sua educação nos cursos da área da educação e, posteriormente, no mercado de trabalho (ROSA, 2005, p. 78).

A sexta pergunta buscou investigar a opinião das entrevistadas sobre a relação entre arte e diversidade. Dentre as seis entrevistadas, três delas responderam que a relação entre arte e diversidade acontece durante os estudos das diferentes culturas, conforme as seguintes falas: *“É um meio de compartilhar os conhecimentos das outras culturas existentes e conhecer novas coisas”* (E2), *“a arte*

é fruto da diversidade cultural e das diferentes formas de pensar da humanidade” (E3).

Duas entrevistadas responderam vagamente, somente afirmando a relação existente entre a arte e a diversidade, como percebemos em as suas falas: *“A gente tem a possibilidade de relacionar muito a diversidade com a arte, a gente consegue essa possibilidade através dos trabalhos artísticos, a arte está voltada para a sensibilidade [...] e isso ajuda muito para trabalhar a diversidade” (E6), “arte e diversidade estão sim muito entrelaçadas e cabe ao professor planejar suas aulas com objetivos claros para que o aluno compreenda essa relação” (E5).*

Uma das entrevistadas não respondeu de acordo com a pesquisa, pois compreendeu que a relação entre a arte e a diversidade acontece nas propostas metodológicas inovadoras, conforme relata na seguinte fala: *“Na arte temos que procurar sempre inovar e a diversidade nos possibilita isso” (E1).*

Sobre a importância de abordar a diversidade cultural, presente nas falas das entrevistadas, Richter ressalta que:

O ensino da arte deve se caracterizar por uma educação predominantemente estética, em que padrões culturais e estéticos da comunidade, da família, sejam respeitados e inseridos na educação, aceitos como códigos básicos dos quais se deve construir a compreensão e imersão a outros códigos culturais (RICHTER 2000, p. 84).

A sétima pergunta consistiu em saber se as entrevistadas conhecem o projeto de lei “Escola sem Partido”. Todas as seis entrevistadas responderam que não conhecem o projeto. Como descrito anteriormente, este projeto visa a afixação de um cartaz (Figura 5) nas escolas públicas do país, impondo regras no modo que o professor trabalha em sala de aula, proibindo qualquer atividade que aborde assuntos políticos ou ideológicos. Este projeto de lei atinge todas as disciplinas escolares em todos os níveis de ensino, por isso é de extrema importância todos os professores do país terem o conhecimento do projeto e se posicionar sobre ele.

Na última pergunta, foi questionado se as entrevistadas conhecem a perspectiva de educação multicultural e se elas buscam trabalhar essa perspectiva de educação em suas aulas. Todas as entrevistadas responderam que conhecem a perspectiva de educação multicultural e, de um modo geral, compreendem a importância do conhecimento sobre as outras culturas e o respeito as diferenças, como nas falas seguintes: *“Sim, já ouvi, com certeza, pois para o aluno é muito importante conhecer várias culturas e trabalhar isso com eles de diversas formas”*

(E1), *“acho bem importante a perspectiva de educação multicultural e concordo. Busco trabalhar sempre, acredito que existem várias culturas que não são conhecidas e tão pouco respeitadas”* (E2), *“sim, eu tenho conhecimento da perspectiva da educação multicultural e eu procuro trabalhar também nas aulas de arte de forma que não prejudique ninguém, mas que aprendam a valorizar e também conviver com as diferenças”* (E5), *“sim, eu já ouvi falar em educação multicultural, todo professor de arte ele deve incentivar esse trabalho em sala de aula, é muito importante a gente trabalhar a diversidade cultural porque hoje em dia a gente recebe alunos de muitas lugares do Brasil então não vamos só valorizar a nossa cultura local, mas também dar a oportunidade de eles poderem ter a experiência do contato com outros tipos de cultura e assim a gente consegue promover a experiência deles com a diferença prevalecendo o respeito”* (E6).

Uma das entrevistadas relatou que sente dificuldade em trabalhar com mais de uma cultura, principalmente em abordar a construção histórica e social de suas diferenças. Conforme sua fala: *“Às vezes o professor sente dificuldade para trabalhar, devido a construção histórica de algumas culturas e abordar suas diferenças sociais em sala de aula”* (E4).

Ressalto ainda que, nesta pergunta, algumas entrevistadas citaram nomes de artistas com Willy Zumblick¹⁶, Juarez Machado¹⁷, Valdi-Valdi¹⁸ e Nilton Campos Altieri,¹⁹ sugerindo que a multiculturalidade implica a inclusão de artistas locais na sala de aula.

Durante as entrevistas, não foi encontrado nas falas das professoras temáticas sobre a educação para as relações de gênero e a educação ambiental formal, sugeridas na PCSC como temáticas da diversidade. Nas falas das entrevistadas, temas como: a cultura indígena, a cultura africana, a diversidade cultural e o respeito às diferenças foram os mais abordados. De um modo geral, todas as entrevistadas compreendem que essas temáticas devem estar inseridas na

¹⁶ O artista Willy Alfredo Zumblick nasceu na cidade de Tubarão no estado de Santa Catarina em 1913 e faleceu na mesma cidade em 2008.

¹⁷ O artista Juarez Machado nasceu em 1941, em Joinville, cidade de Santa Catarina. Atualmente trabalha com a pintura, escultura, desenho, fotografia e designer.

¹⁸ Thiago Rogério de Castro Furtado conhecido artisticamente pelo nome de Valdi-Valdi nasceu na cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina. Deste 2006 desenvolve Grafites.

¹⁹ Nilton Campos Altieri nasceu na cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, em 1962. Mudou-se para Santa Catarina e atualmente trabalha com esculturas em madeira expondo seu trabalho em seu ateliê conhecido como Casa do Escultor.

escola, porém foi percebido que a maioria demonstra insegurança em definir o que entende por diversidade.

Neste assunto, Gomes argumenta que:

Aos poucos, vêm crescendo os coletivos de profissionais da educação sensíveis à diversidade. [...]. Há uma nova sensibilidade nas escolas públicas, sobretudo, para a diversidade e suas múltiplas dimensões na vida dos sujeitos. Sensibilidade que vem se traduzindo em ações pedagógicas de transformação do sistema educacional em um sistema inclusivo, democrático e aberto à diversidade (GOMES, 2007, p. 27).

Pouco a pouco percebemos a preocupação dos professores em relação a diversidade na escola. Encontramos propostas pedagógicas voltadas para a temática que visam a inclusão e o respeito às diferenças. Nesta perspectiva, proponho no próximo capítulo, uma proposta de curso que proporcione aos professores novos horizontes em relação à diversidade e novas reflexões que ajudem a pensar em práticas pedagógicas inclusivas e democráticas.

7 PROPOSTA DE CURSO: ARTE E DIVERSIDADE: REFLEXÕES NAS PRÁTICAS DE ENSINO

7.1 EMENTA

A diversidade nos documentos norteadores: Proposta Pedagógica do município de Meleiro e Proposta Curricular de Santa Catarina; O conceito de diversidade; As temáticas da diversidade; O projeto de Lei “Escola Sem Partido; A diversidade e o ensino da arte; Educação multi e intercultural.

7.2 CARGA HORÁRIA

20 horas

7.3 PÚBLICO-ALVO

Professores de Arte do município de Meleiro.

7.4 JUSTIFICATIVA

Esta proposta de curso surge, como continuidade da pesquisa anteriormente apresentada, que teve como objetivo investigar como os professores de Artes, atuantes no município de Meleiro, entendem a diversidade na educação escolar e como abordam o tema em suas aulas. Depois da análise das entrevistas, observou-se a grande necessidade de realizar uma proposta de curso, para atender todas as dúvidas das entrevistadas sobre os temas abordados.

Essas dúvidas ressaltadas pelas entrevistadas me fizeram perceber que a diversidade é um tema pouco discutido pelas professoras, assim como as suas temáticas. Apesar de discutirem em suas aulas sobre as relações étnico-raciais e a cultura indígena, como citaram as entrevistadas, faltaram menções a outras temáticas, como as relações de gênero, e não foram citadas as modalidades de ensino, educação quilombola, campo e educação especial.

Discussões acerca da diversidade têm ganhado cada vez mais espaço na área da educação escolar. Porém, muitas questões que envolvem o tema ainda não são conhecidas pelos professores. Segundo Gomes (2007, p. 30):

A incorporação da diversidade no currículo deve ser entendida não como uma ilustração ou modismo. Antes, deve ser compreendida no campo político e tenso no qual as diferenças são produzidas, portanto, deve ser vista como um direito. Um direito garantido a todos e não somente àqueles que são considerados diferentes. Se a convivência com a diferença já é salutar para a reeducação do nosso olhar, dos nossos sentidos, da nossa visão de mundo, quanto mais o aprendizado do imperativo ético que esse processo nos traz.

Pensando nisso, proponho um curso que traga momentos de estudos com leituras, palestras, debates e reflexões, que busquem ampliar o conhecimento dos participantes sobre o conceito de diversidade e as suas temáticas os documentos norteadores, como a Proposta Pedagógica do município de Meleiro e a Proposta Curricular de Santa Catarina, o Projeto de Lei “Escola sem Partido”, assim como as possíveis relações entre a diversidade e o ensino da arte, para assim buscar uma educação em arte mais intercultural e que promova um maior entendimento e respeito às diferenças.

7.5 OBJETIVO GERAL

- Promover momentos de estudos que busquem ampliar o conhecimento dos participantes sobre o conceito de diversidade, nos documentos norteadores, o projeto de Lei “Escola sem Partido” e sobre a perspectiva intercultural, assim como, as possíveis relações entre a diversidade e o ensino de arte.

7.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contextualizar a diversidade, a partir da Proposta Pedagógica do município de Meleiro e da Proposta Curricular de Santa Catarina;
- Conhecer o Projeto de Lei “Escola sem Partido” e suas implicações no campo da educação;
- Discutir a diversidade e as suas temáticas, através de textos, palestras e discussões;

- Ampliar o conhecimento sobre a educação multicultural e intercultural no ensino da arte, através de textos de autores que pesquisem sobre o assunto;
- Realizar uma produção artística, refletindo sobre as diversas maneiras de ser.

7.7 METODOLOGIA

A proposta de curso contém cinco encontros, que poderão acontecer às segundas ou terças-feiras durante o período da manhã. Para o local dos encontros, sugiro a Casa da Cultura (Figura 6), local destinado para formações continuadas e reuniões do município.

No primeiro encontro, primeiramente apresentarei aos participantes esta pesquisa. Depois, mostrarei o cronograma desta proposta de curso e seus objetivos. Logo após, os professores serão convidados a irem ao centro da sala para uma atividade com jogos teatrais para a interação do grupo. Depois, todos serão convidados a se sentarem em círculos para iniciarmos uma conversa sobre a diversidade. Para a seguinte atividade, proponho a leitura de um recorte *da Proposta Pedagógico do Município de Meleiro*²⁰ e a *Proposta Curricular de Santa Catarina*²¹ para contextualizarmos o significado de diversidade contido nestes dois documentos. Mais tarde, será apresentado aos participantes o projeto de Lei “*Escola Sem Partido*”,²² para conhecermos e discutirmos sobre suas implicações no campo da educação.

Para o segundo encontro, proponho uma palestra sobre diversidade e educação com a professora Ms. Bruna Carolini de Bona, que é tutora do Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional (PROESDE) na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Neste encontro, questões sobre a diversidade na educação escolar e as suas temáticas serão discutidas com autores que dialogam sobre o tema. O encontro será finalizado após os questionamentos e as dúvidas dos participantes.

²⁰ SANTA CATARINA. **Proposta Pedagógica da Rede Municipal de Meleiro**: ensino fundamental. Meleiro: Pensgrafi, 2012. 166 p.

²¹ SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica. [Florianópolis]: SED, 2014. 190 p. Disponível em: http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta_Curricular_final.pdf.

²² O projeto Escola sem Partido está disponível na seguinte pagina: <http://www.programaescolasempartido.org/>.

No terceiro encontro, proponho outra palestra, com discussões sobre gênero e educação, pois foram questões que não aparecem no resultado da análise das entrevistas, necessitando de uma formação sobre o assunto. Esta palestra será ministrada pela professora Dra. Giani Rabelo, que é professora da disciplina de Gênero e Educação no Mestrado em Educação na UNESC. Neste encontro, os participantes terão a oportunidade de esclarecerem suas dúvidas e incompreensões sobre o assunto, e após esse momento, o encontro será finalizado.

No quarto encontro, os participantes serão convidados a sentar, em forma de círculo, para discutirmos sobre a diversidade no ensino da arte. Será proposto aos participantes a leitura do texto *“Educando para a Pluralidade”*,²³ de Ivone Mendes Richter, e *“O Ensino de Arte: Uma Proposta Multicultural”*,²⁴ de Maria Cristina Rosa. Após a leitura, solicitarei aos participantes que apresentem partes do texto que julgam importantes e, se possível, que relacionem com suas experiências em sala de aula. Para uma reflexão maior, proponho que, em pedaços de papéis e algumas canetas (já reservados para a atividade), os participantes escrevam algumas palavras-chaves que foram abordadas na discussão anterior. Formaremos um painel, com todas as palavras, que ficará exposto no local do encontro. Com o painel terminado, analisaremos a composição de palavras feitas pelo grupo. Logo após, apresento aos participantes alguns artistas, juntamente com suas obras, que discutem em suas produções o tema da diversidade e que podem ser trabalhadas em sala de aula.

No quinto e último encontro será proposto aos participantes que façam uma produção artística individual, para proporcionar uma reflexão sobre as diferentes formas de ser, como nos colocamos diante da sociedade e como agimos em relação às diferenças dos outros sujeitos. Para esta produção apresento diferentes materiais, como, por exemplo, papéis (de tipos variados), livros antigos, tecidos, arames, linhas, tintas, pincéis, entre outros. Neste encontro, discutiremos também como as produções serão expostas e montaremos a exposição. O local de exposição será no mesmo local dos encontros, a Casa da Cultura, pois é um ambiente propício para este tipo de evento.

²³ Texto retirado de: RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das Artes Visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

²⁴ ROSA, Maria Cristina da. **A educação de professoras e professores de arte: construindo uma proposta de ensino multicultural a distância**. 187p. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

Para as atividades propostas acima, foi elaborada uma tabela, com o número de encontros, os horários, a carga horária de cada um deles e as atividades a serem desenvolvidas.

Tabela 2 – Cronograma do Curso.

Encontros	Tema	Atividades	Horários
1° Encontro	O conceito de diversidade contido na Proposta Pedagógica do Município de Meleiro e na Proposta Curricular de Santa Catarina. O projeto de Lei Escola Sem Partido.	Interação do grupo a partir de jogos teatrais, leitura e discussão do recorte da Proposta Pedagógica do Município de Meleiro e da Proposta Curricular de Santa Catarina, atualização de 2014. Apresentação do Projeto de Lei “Escola sem Partido” para discussões sobre as suas implicações no campo da educação;	08h às 12h (4h/a)
2° Encontro	Diversidade e as suas temáticas e educação.	Palestra com a professora Msc Bruna Carolini de Bona.	08h às 12h (4h/a)
3° Encontro	Gênero e educação.	Palestra com a professora Dra. Giani Rabelo.	08h às 12h (4h/a)
4° Encontro	O multi e o	Leitura e discussão	08h às 12h

	interculturalismo no ensino da arte.	do texto “ <i>Educando para a Pluralidade</i> ”, de Ivone Mendes Richter.	(4h/a)
5° Encontro	Produção artística.	Produção artística. Exposição das produções. Conversa final.	08h às 12h (4h/a)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as entrevistas semiestruturadas realizadas com as professoras de Artes atuantes no município de Meleiro, pude investigar como a diversidade é entendida e como é abordada nas aulas de artes. Pude analisar também qual a importância dada pelas professoras entrevistadas em discutir com seus alunos a diversidade e as suas possíveis relações com o ensino da arte, assim como a importância de levar para a sala de aula a perspectiva multicultural.

Durante as entrevistas, nota-se que as professoras compreendem que trabalhar o tema da diversidade é importante, porém percebe-se que a maioria se sente insegura em discutir o tema, respondendo as perguntas de forma rápida e com poucas argumentações. Por meio desta pesquisa, percebi que a diversidade é pouco abordada nas aulas de arte, e as temáticas cultura afro-brasileira e culturas indígenas estão restritas somente às datas comemorativas do ano letivo, como o Dia do Índio e o Dia da Consciência Negra. A maioria das professoras sente dificuldades em relacionar a diversidade com o ensino da arte, mas compreende que é importante trabalhar a perspectiva de educação multicultural em suas aulas.

A pesquisa demonstrou que somente duas entrevistadas relataram participar de alguma formação continuada que abordasse as temáticas da diversidade, enquanto as demais afirmaram não participar. É importante ressaltar que, durante as entrevistas, houve a reclamação sobre a falta de investimentos dos governos municipal e estadual em formações continuadas para os professores, tanto sobre esse tema, quanto sobre outros.

Outro ponto relevante encontrado nesta pesquisa foi o fato de que todas as entrevistadas afirmaram não conhecer o Projeto de Lei “Escola sem Partido”, que pode afetar diretamente os conteúdos abordados em sala de aula. A partir dos dados coletados, surgiu a necessidade de pensar em uma proposta de curso que abrangesse todas as dúvidas e incompreensões sobre a diversidade e as suas temáticas, sobre o Projeto de Lei e sobre a perspectiva de educação multi e intercultural.

Ao iniciar esta pesquisa, senti dificuldades em encontrar bibliografias que abordassem o tema da diversidade, principalmente na área de artes. Porém, aos poucos, fui encontrando livros, vídeos, artigos *online* e palestras sobre o assunto, que foram surgindo cada vez mais. Quando comecei a escrita deste trabalho, as

ideias sobre a diversidade não pareciam tão claras. Com as várias leituras e pesquisas sobre o assunto, pude compreender melhor e perceber que a educação escolar está bastante precária, necessitando de atenção, principalmente no município de Meleiro, onde as entrevistas mostraram a falta de entendimento dos professores sobre este tema.

Durante minhas pesquisas, encontrei textos que discutem sobre uma perspectiva de educação intercultural. Trouxe então para este trabalho as concepções das autoras Candau e Richter, que propõem que os sujeitos que possuem culturas diferentes se relacionem para conhecerem a cultura do outro, gerando o respeito e tolerância entre todos. Baseando-me nesta perspectiva, acredito que a educação intercultural pode contribuir muito na transformação da educação escolar e da sociedade.

Enquanto escrevia sobre as possíveis relações entre a diversidade e o ensino da arte, pensei em algumas possibilidades de trabalhar a diversidade na escola. Penso que uma das formas de trabalhar, por exemplo, as relações de gênero, seria discutir as representações da figura feminina ao longo da história da arte até os dias atuais e realizar uma conversa com os alunos, debatendo a maneira como foi e como é o lugar da mulher na sociedade. Neste sentido, é possível problematizar como as representações artísticas refletem (ou não) a diversidade em nossa sociedade, e quais outras representações seriam possíveis.

Acredito que este trabalho de conclusão de curso contribuiu para ressaltar a importância de discutir o tema da diversidade na escola, apontando a necessidade de ampliar a percepção dos professores no sentido de estabelecer relações entre a diversidade e suas temáticas nas aulas de artes, além da necessidade de trabalhar na disciplina uma perspectiva intercultural, com maior respeito às diferenças.

Esta pesquisa também contribuiu muito na minha formação acadêmica, mudando a forma como eu via os conteúdos sobre o ensino da arte. Também fez com que eu refletisse sobre a necessidade de estar sempre atualizada, não apenas em relação à bibliografia acadêmica, como também sobre o cenário político atual, para poder me posicionar diante das proposições de mudanças na educação.

REFERÊNCIAS

ANA MARIA MACHADO. **Menina bonita do laço de fita**. Disponível em: <Fonte: http://statics.livrariacultura.net.br/products/capas_lg/154/15016154.jpg>. Acesso em: 01 out. 2016.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 516 p.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BRASIL. **Convenção americana sobre direitos humanos**. 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/anexo/and678-92.pdf>.

BRASIL (a). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL (b). Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: DP&A, 1997. 130 p.

BRASIL (c). Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. Brasília: DP&A, 1997. 164 p.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos Humanos, Educação e Interculturalidade: As tensões entre Igualdade e Diferença**. Revista Brasileira de Educação. vol. 13. nº. 37. Jan/abril 2008.

CANDAU (a). **Escola, Inclusão Social e Diferenças Culturais**. Junqueira & Marin Editores. UNICAMP, Campinas. 2012.

CARTACAPITAL. São Paulo: Confiança, 08 set. 2016. Semanal. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-unica-cidade-a-adotar-o-escola-sem-partido>>. Acesso em: 10 set. 2016.

ESCOLA SEM PARTIDO. **Cartaz**. Disponível em: <<http://www.programaescolasempartido.org/>>. Acesso em: 23 set. 2016.

FAEB. **Nota de repúdio**. Disponível em: <<http://faeb.com.br/documentos-faeb.html>>. Acesso em: 26 de set. 2016.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009 205 p.

FERREIRA, Sueli. **O Ensino das Artes: Construindo caminhos**. 10. Ed. Papirus, 2001.

GLÜCK. **Perfil Cultural e Turístico dos Municípios Catarinenses Município de Meleiro**. 1ª Ed. Forquilha: Glück Edições Ltda, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007.

IOP, Elisa. **O multiculturalismo e o ensino das Artes Visuais no Brasil**. Visão Global, Joaçaba, v. 11, n. 2, p. 151-162, jul/dez. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 80 p.

MELEIRO. **Proposta Pedagógica do Município de Meleiro: Ensino fundamental**. Meleiro: Pensgrafi, 2012. 166 p.

MODERNISMO BRASILEIRO. **Anita Malfatti**. Disponível em: <<http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernismo/artistas/malfa/index.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

MUSEU VICTOR MEIRELLES. **Victor Meirelles**. Disponível em: <<http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/victor-meirelles/biografia/>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

PREFEITURA DE MELEIRO. **Vista área do município de Meleiro**. Disponível em: < Fonte: http://www.meleiro.sc.gov.br/thumbs/667/1459621_resize_1000_1000.jpg>. Acesso em: 23 set. 2016.

PREFEITURA DE MELEIRO (a). **Casa da Cultura**. Disponível em: <<http://meleiro.sc.gov.br/turismo/item/detalhe/15367>>. Acesso em: 23 set. 2016.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalismo e estética do cotidiano no ensino das Artes Visuais**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RICHTER, Ivone Mendes (a). **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das Artes Visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ROSA, Maria Cristina da. **Os Professores de Arte e a Inclusão: O Caso da Lei 10639/2003**. UDESC. n. 21. 2006.

ROSA, Maria Cristina da (a). **Formação de Professores de Arte: Diversidade e complexidade pedagógica**. Insular: 2005.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica**. [Florianópolis]: SED, 2014. 190 p. Disponível

em:<http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta_Curricular_final.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Uma concepção multicultural de Direitos Humanos**. Lua Nova, São Paulo, n. 39, p. 105-201, 1997.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. In: – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. p. 42. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 16 de set. 2016.

THE WARHOL. **Trio de Marilyn**s. Disponível em: <<http://collection.warhol.org/view/objects/asitem/search@/3/title-asc?t:state:flow=a690d99b-4908-4c78-bbbf-c502d6784e30>>. Acesso dia: 01 de out. 2016.

UNESCO. **Normas para a Elaboração e Apresentação de TCC do Curso de Artes Visuais – Licenciatura**. Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/normas_tcc_licenciatura.pdf>. Acesso em: 05 de set. 2016.

APÉNDICE (S)

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista semiestruturada

ROTEIRO

- 1 – Qual a sua formação? Há quanto tempo está atuando na área?
- 2 – Para você, o que significa trabalhar diversidades na escola?
- 3 – Você já trabalhou o tema das diversidades nas suas aulas? Como foi? Quais materiais você usou?
- 4 – Você acha importante discutir o tema das diversidades com seus alunos?
- 5 – Você já participou de alguma formação continuada que abordasse o tema das diversidades? Quem promoveu essa formação?
- 6 – Para você, qual a relação entre diversidade e arte?
- 7 – Você conhece o projeto de lei “Escola sem Partido”? Sabe do que se trata? É contra ou a favor?
- 8 – Você já ouviu falar sobre uma perspectiva de educação multicultural? Nas suas aulas você busca trabalhar com uma Arte mais multicultural?

ANEXO (S)

ANEXO A – Termo de consentimento.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO
PARTICIPANTE**

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **DIVERSIDADE NO ENSINO DA ARTE: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE ARTES DO MUNICÍPIO DE MELEIRO - SC.**

O (a) S.r. (a): _____

Professor (a) da _____ foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos *investigar como os professores de Artes, atuantes no município de Meleiro, entendem a diversidade na educação escolar, e como abordam esse tema nas aulas.* Embora o (a) S.r. (a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que você poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) S.r. (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a sua pessoa serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) S.r (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Ana Carolini Francisco Bosa (telefone: (48) 98522178) da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, orientada pela professora Viviane Kraieski de Assunção (telefone: (48) 3431-2610).

Criciúma (SC) ____ de _____ de 2016.

Assinatura do entrevistado.